

Gilvan Fogel comentador de Nietzsche

Gilvan Fogel, commentator on Nietzsche

Alexandre Marques Cabral*

Data de recebimento: 20/10/2010

Data de aprovação: 12/12/2010

FOGEL, Gilvan. *O homem doente do homem e a transfiguração da dor* – Uma leitura de *Da visão e do enigma em Assim falava Zaratustra*, de Frederico Nietzsche. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

Quanto a mim, os autores de que gosto, eu os utilizo. O único sinal de reconhecimento que se pode ter para com um pensamento como o de Nietzsche é precisamente utilizá-lo, deformá-lo, fazê-lo ranger. Que os comentadores digam se se é ou não fiel, isto não tem nenhum interesse. (Michel Foucault)

O livro *O homem doente do homem e a transfiguração da dor* que ora vem à baila é antes de tudo um desafio filosófico, sobretudo para os estudos nietzschianos empreendidos no Brasil e também em outras partes do mundo. No lugar de um estudo histórico-analítico acerca da obra de Friedrich Nietzsche, seu autor, Gilvan Luiz Fogel, oferece ao público brasileiro um exercício do pensar realizado através de Nietzsche. Neste sentido, não se trata de uma obra *sobre* Nietzsche, mas de um pensamento elaborado *através* de um encontro com Nietzsche. Isso o impossibilita de ser caracterizado como um livro de um “nietzschiano”, ou melhor, de um *especialista* em Nietzsche. Vale para esta obra a mesma ressalva feita por Gilvan Fogel na apresentação de seu outro livro, *Conhecer é criar*: “Não sou nenhum especialista no assunto. Aliás, o texto orgulha-se de não ser coisa de especialista” (p. 9) Não obstante isso, o livro não se caracteriza por ser um mero “achismo hermenêutico” ou mesmo uma operacionalização de má-fé da obra de Nietzsche. Antes, trata-se daquilo que Hermógenes Harada, um dos formadores de Gilvan Fogel em sua trajetória pela filosofia, chamou de *comentário*:

Comentário vem do latim. Contém duas palavras: *cum* (com) e *mens*, -*tis* (mente). É adjetivo substantivado. Pode ser masculino *comentarius* – *i*, a saber, *liber* (livro) ou neutro *commentarium* – *i*, a saber, *volumen* (volume). Livro ou volume comentário significa, portanto, livro ou volume escrito ou lido *com a mente*. *Com* ou *cum* aqui não tem propriamente conotação instrumental. Antes, sugere proximidade

* Doutorando em filosofia pela UERJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Contato: alxcbrl@yahoo.com.br

(junto de) e sintonia de concordância (segundo, seguindo, à medida ou na medida de). Em vez de *com a mente* diríamos hoje, *no médium da mente, na fluência e no fluxo, na dinâmica da mente*. E *a mente* na tradição do Ocidente não significa referência à cabeça [...] mas indica a dimensão, a mais alta, a mais essencial, íntima e nuclear do ser humano, em cuja dinâmica da percepção e sensibilidade, o homem se abre ao e é atingido [...] pelo sentido de todas as coisas na sua totalidade. (HARADA, *Em comentando I Fioretti*, p. 10-11)

Não sendo obra de especialista, o livro de Fogel recebe as marcas de um comentário. Por isso, ele move-se em sintonia com o sentido daquilo que sustenta o pensamento de Nietzsche, a saber, a necessidade de dizer a realização do real. Para Fogel, Nietzsche é uma voz privilegiada do modo próprio de realização do mundo. *Pensar com* ou *comentar* Nietzsche é, sobretudo, em sua perspectiva, deixar falar por intermédio de seu texto o sentido realizador do mundo, foco essencial de todo pensamento que se entenda como sendo filosofia. Destarte, a tarefa de Fogel não pode ser meramente redizer Nietzsche através de uma abordagem “objetiva” de seu texto. Dito mais claramente: Fogel não quer chegar a esclarecer o que “verdadeiramente” Nietzsche afirmou. Ele não é escudeiro defensor do “Nietzsche verdadeiro” ou da “ortodoxia nietzschiana”, o que é cada vez mais comum na pesquisa da obra de Nietzsche. Não se trata, portanto, de uma lida *veritativa*, ou seja, em adequação à objetividade textual. Ora, com isto, Fogel não cai no arbítrio hermenêutico? Já se disse que não. Mas, como então pode ocorrer uma interpretação textual “não veritativa” que não seja arbitrária? Resposta: sintonizando-se com o horizonte de sentido de onde Nietzsche auriu seu pensamento. Nesta lida “fenomenológico-hermenêutica” com Nietzsche, Fogel consegue dizer de modo singular o que Nietzsche disse a seu modo. Talvez seja este o maior aprendizado que Gilvan Fogel obteve com Heidegger, pensador marcante em seus textos. Nas palavras de Heidegger:

Cada comentário tem não apenas de captar o assunto do texto; tem também, sem chamar a atenção de, a partir do seu assunto, acrescentar-lhe imperceptivelmente, a partir do seu tema, algo de próprio. Este acréscimo é aquilo que o leigo, de acordo com aquilo que tem como o conteúdo do texto, sente sempre como uma interpretação excessiva, que ele, no uso de seu direito, censura como arbítrio. Contudo, um comentário genuíno nunca compreende o texto melhor do que o seu autor o compreendeu, mas sim de um outro modo. Só que este outro modo tem de ser de tal maneira que encontre o mesmo em que o texto comentado reflete. (HEIDEGGER, *A palavra de Nietzsche “Deus morreu”*, p. 248)

Tratar-se-ia, então, de uma abordagem heideggeriana? Certamente que não. Heidegger, desde a chamada *Kehre* (virada) de seu pensamento, lida com a tradição filosófica à luz do que entende por *Auseinandersetzung*, ou seja, através de uma *confrontação*. Sua proposta é imergir nos textos da tradição para desvelar quais os mundos epocais que os sustentam e como a história da metafísica fala por meio de seus conceitos essenciais de modo tal que eles ocultam a “lógica” do acontecimento apropriativo (*Ereignis*), princípio ontológico explicativo das múltiplas formações históricas de mundo, isto é, de mundos epocais. A intenção de Fogel é terminantemente outra. Ele propõe-se a pensar com Nietzsche e através de Nietzsche o sentido existencial do mundo, sem incorrer no que ele entende por metafísica: o pensar e o existir que se perfazem em dissonância com o caráter simultaneamente uno, plural, temporal e desfundamentado da vida. Em Nietzsche, na perspectiva fogeliana, a dinâmica da vida aparece com limpidez em linguagem filosófica. Por isso, para Fogel, Nietzsche, assim como a arte, funciona como “lugar” (topos) privilegiado para se pensar a vida sem incorrer na lógica metafísica, marcada essencialmente pela tentativa de “substituição do possível ou do que realmente é, do só possível, a vida, a existência”. (FOGEL, *O homem doente do homem e a transfiguração da dor*, p. 10)

Mas o que Fogel entende por vida? Por que ele conecta realidade e possibilidade, como na citação acima? Para Fogel, a definição da vida identifica-se com o conceito kierkegaardiano de angústia: “a realidade da liberdade como possibilidade antes da possibilidade” ou “a realidade da liberdade como possibilidade para possibilidade” (KIERKEGAARD, *O conceito de angústia*, p. 45, nota 106). Justamente esta definição torna patente a nada constitutiva do lastro da existência. A vida, portanto, possui uma indeterminação ontológica radical. Não é determinada por nenhuma essência ou elemento ontológico previamente constituído. Destarte, as configurações múltiplas que a vida ganha são produtos de um processo de autoconformação. Viver é conquistar configurações diversas em meio a um processo contínuo de autoconfiguração. Neste sentido, Fogel assume a idéia de que a indeterminação radical da existência se resolve pela assunção de possibilidades de ser. Sendo possibilidade para possibilidade, a vida é uma abertura para conformar-se segundo o desdobramento de possibilidades de ser. Estas são verbos da existência, ou seja, a vida é um exercício contínuo de verbos diversos de determinação de si mesma. Correr, pintar, andar, filosofar são verbos: possibilidades que determinam a cada vez o ser indeterminado que a vida é. Ora, o que isto tem a ver com Nietzsche?

Nietzsche, na última fase de sua obra, diz ser a vida vontade de poder (*Wille zur Macht*). Esta, por sua vez, é composta de forças. Como é sabido, sobretudo pelos fragmentos póstumos de Nietzsche, a relação agonística entre as forças engendra uma hierarquia entre as mesmas e uma determinada configuração do vivente. Tais forças não possuem suportes ontológicos absolutos. Logo, elas sempiternamente repetem a mesma relação conflitiva entre si. Fogel não se interessa por elucidar a agonística como tal das forças. Tampouco almeja descrever a polissemia da expressão vontade de poder em Nietzsche, como muitos comentadores o fazem. O que importa para Fogel é que cada força é um princípio de determinação do real ou, como ele chama em diversos escritos, um princípio de realidade. Por isso, a força é “um poder de, antes, uma certa *disposição* ou *aptidão* para” (FOGEL, *O homem doente do homem*, p. 94). Por “disposição para”, Fogel está compreendendo o fato de que cada força abre um modo possível de configuração do real. O real dispõe-se de um modo ou uma configuração específica devido à força que o determina. Assumindo esta característica autoafirmativa da força, Fogel entenderá a vida como autoconfiguração. Neste sentido, cada configuração vital é uma possibilidade de ser ou verbo de existência determinado por uma força. A realização de cada possibilidade é portanto uma possibilidade de autoexposição da vida. Porquanto a expressão alemã *Wille zur Macht* pode ser traduzida por *vontade para* (em direção ao) *poder* e esta é composta por forças, o que Fogel enfatiza neste conceito é o fato de que a força essencializa-se como vontade de poder, à medida que ela é autoimposição (vontade) de um modo possível de aparecimento do real (poder). O poder da força não é, portanto, controle, mas autoaparição, ou seja, a vontade de poder é um princípio ontológico que, em vigindo, o mundo se determina. Isso repete o caráter performático e verbal da definição kierkegaardiana de angústia, que Fogel assume como sendo o lastro ontológico da vida.

Desse lastro existencial, Fogel conquista um critério para compreender a metafísica como insurreição contra o modo próprio de ser da vida. Se a vida é autoconstituição através da assunção de possibilidades (forças) de ser, ela é finita e precária. Finita, porquanto nada a fundamenta senão o desdobramento de certas possibilidades temporais de ser. Precária, à medida que o que a vida é, é resultado de conquista. Esta conquista, porém, nunca é definitiva, já que o lastro indeterminado da existência nunca confere à vida um ponto final ou um *télos* a ser definitivamente alcançado. Insubmissa, a metafísica é ávida por corrigir a vida e busca no infinito a razão de ser do finito. O tipo vital daí decorrente não pode ser outro senão o tipo *doente*.

Porquanto o homem ocidental desde Sócrates e Platão é marcado pela metafísica, ele é historicamente adoecido. É isto que justifica o título do livro de Fogel. Mas, o que isto tem a ver com dor? E com o capítulo “Da visão e do enigma”, do *Zaratustra* de Nietzsche?

De modo pertinente, Fogel identifica dois tipos de dor características da vida. A primeira relaciona-se com “a dor que a vida é”, à medida que a vida “põe e impõe ação, atividade e esforço” (Ibidem, p. 14). Assim, a vida é feita de autoconquista, o que gera a dor de ter de ser a cada vez quem se é. Porém, há outra dor que marca essencialmente o homem produzido pelo Ocidente metafísico: a “dor enquanto insurreição e revolta contra este finito, contra este limite” que a vida é. É esta segunda dor que assinala a doença do homem ocidental. Conseqüentemente, deve-se redimir o homem doente reconduzindo-o à sua finitude constitutiva. Justamente nesta transfiguração vital aparece a transvaloração da dor e da libertação do homem doente. É neste ponto que Fogel mostra a necessidade de pensar o capítulo mencionado de *Assim falava Zaratustra*.

O livro de Fogel concentra-se, sobretudo, na interpretação do eterno retorno do mesmo, tema central de “Da visão e do enigma”. Nesta interpretação, Fogel destaca sobretudo o tipo de temporalidade que norteia a finitude constitutiva da existência. Sendo finita e temporal, a existência sempre foi detratada como se fosse culpada por não ser como deveria ser. Temporal e finita, a vida é deveniente e, sob a ótica metafísica, o que devém não possui densidade ontológica. Sendo passagem, o tempo é um “adeus”, uma despedida que assinala a deterioração do existir e obstrui a possibilidade de qualquer plenitude. Para Fogel, o eterno retorno assinala que, no instante (*Augenblick*), passado, presente e futuro se conjugam, o que rompe a concepção atomística do tempo, onde o que passou não se relaciona com o que está sendo e o que será ainda não é nada. Se no instante os três direcionamentos temporais estão sinteticamente vigentes, então, a vida toda se dá em cada instante. Se a vida é finita, a cadência temporal, na perspectiva do eterno retorno, não é signo de degenerescência. Por isso, o vir-a-ser da vida, que Fogel chama de *estória*, é sempre a retomada da totalidade do que foi (força ou possibilidade de ser) e do que será na decisão do que está sendo. Esta totalidade que retorna diferenciada mostra que a vida não se degrada na sua passagem temporal, mas se renova na reconquista de si mesma a cada instante. Destarte, o eterno retorno mostra que viver não é desgastar-se e exaurir-se, mas recriar-se e diferenciar-se de si mesmo no desdobramento dos múltiplos verbos que conformam a existência. Para Fogel, isto redime o homem doente ocidental. Obviamente, se a

existência é vontade de poder e esta é poder-ser, lembrando uma expressão de Heidegger tão cara a Fogel, para o homem reconquistar sua finitude, não há caminho previamente definido. Esta conquista é feita através daquilo que Fogel chama de *salto*, isto é, uma entrada súbita em um modo ou possibilidade de ser (força-vontade de poder) que seja consoante à temporalidade finita da existência.

Nesse exercício de pensamento, Fogel mostra que, através sobretudo de Nietzsche, vem a lume o sentido de ser finito-temporal de mundo. É isto o essencial da obra nietzscheana. Neste sentido, Gilvan Fogel é um desafio. Sem ser mero erudito conhecedor de Nietzsche, ele é um apropriador de Nietzsche. Talvez seja isto que Nietzsche quisesse de seus leitores-apropriadores. Não ortodoxos na “leitura objetiva” de sua obra, mas criadores através de uma apropriação produtiva do sentido de seu pensamento. Foi neste sentido que Nietzsche criticou a filologia de seu tempo e a historiologia moderna. Eram estéreis, pois nada criavam.

O excelente livro ora publicado de Gilvan Fogel, que abre a coleção de filosofia *Sapere Aude* da Mauad Editora, poderá causar espanto naqueles que admiram Nietzsche e o lêem *de fora* do vigor de seu pensamento, seja como curiosos ou como acadêmicos. Porém, lança o desafio de *pensarmos com* Nietzsche e não só falarmos *sobre* Nietzsche. No primeiro tipo de leitura, nós levamos Nietzsche adiante, fazendo-o pensar conosco enquanto nós pensamos com ele. Há aí partilha de pensamento, ação entre comparsas ou inspiração criadora. Já no segundo tipo, fazemos dele um novo ídolo: alguém frente ao qual nos vergamos e veneramos. Mas é sempre bom lembrar que o próprio Nietzsche nos ensinou a lidar com ídolos: sempre com um martelo nas mãos.

Referências Bibliográficas

FOGEL, Gilvan. *O homem doente do homem e a transfiguração da dor – Uma leitura de Da visão e do enigma em Assim falava Zarathustra*, de Frederico Nietzsche. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

_____. *Conhecer é criar: um ensaio a partir de F. Nietzsche*. São Paulo: Discurso Editorial, Editora Unijuí, 2003.

HARADA, Hermógenes. *Em comentando I Fioretti: reflexões franciscanas intempestivas*. São Paulo: EDUSF, 2003.

HEIDEGGER, Martin. A palavra de Nietzsche “Deus morreu”. In: *Caminho de floresta*. Lisboa: Calouste Gulbekian, 2002.

KIERKEGAARD, Sören. *O conceito de angústia*. Petrópolis: Vozes, 2010.